



Trabalho de recuperação- 3º trimestre

NOME:

TURMA:

DATA:

DISCIPLINA: LITERATURA

PROFESSOR (A):

Texto para as questões 01 a 08:

Uma vela para Dario

1 Dario vem apressado, guarda-chuva no braço esquerdo. Assim que dobra a esquina, diminui o passo até parar, encosta-se a uma parede. Por ela escorrega, senta-se na calçada, ainda úmida de chuva. Descansa na pedra o cachimbo.

2 Dois ou três passantes à sua volta indagam se não está bem. Dario abre a boca, move os lábios, não se ouve resposta. O senhor gordo, de branco, diz que deve sofrer de ataque.

3 Ele reclina-se mais um pouco, estendido na calçada, e o cachimbo apagou. O rapaz de bigode pede aos outros que se afastem e o deixem respirar. Abre-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe tiram os sapatos, Dario rouqueja feio, bolhas de espuma surgem no canto da boca.

4 Cada pessoa que chega ergue-se na ponta dos pés, não o pode ver. Os moradores da rua conversam de uma porta à outra, as crianças de pijama acodem à janela. O senhor gordo repete que Dario sentou-se na calçada, soprando a fumaça do cachimbo, encostava o guarda-chuva na parede. Mas não se vê guarda-chuva ou cachimbo a seu lado.

5 A velhinha de cabeça grisalha grita que ele está morrendo. Um grupo o arrasta para o táxi da esquina. Já no carro a metade do corpo, protesta o motorista: quem pagará a corrida? Concordam chamar a ambulância. Dario conduzido de volta e recostado à parede – não tem os sapatos nem o alfinete de pérola na gravata.

6 Alguém informa da farmácia na outra rua. Não carregam Dario além da esquina; a farmácia no fim do quarteirão e, além do mais, muito pesado. É largado na porta de uma peixaria. Enxame de moscas lhe cobrem o rosto, sem que faça um gesto para espantá-las.

7 Ocupado o café próximo pelas pessoas que apreciam o incidente e, agora, comendo e bebendo, gozam as delícias da noite. Dario em sossego e torto no degrau da peixaria, sem o relógio de pulso.

8 Um terceiro sugere lhe examinem os papéis, retirados – com vários objetos – de seus bolsos e alinhados sobre a camisa branca. Ficam sabendo do nome, idade, sinal de nascença. O endereço na carteira é de outra cidade.

9 Registra-se correria de uns duzentos curiosos que, a essa hora, ocupam toda a rua e as calçadas: é a polícia. O carro negro investe a multidão. Várias pessoas tropeçam no corpo de Dario, pisoteado dezessete vezes.

10 O guarda aproxima-se do cadáver, não pode identificá-lo – os bolsos vazios. Resta na mão esquerda a aliança de ouro, que ele próprio – quando vivo – só destacava molhando no sabonete. A polícia decide chamar o rabeção.

11 A última boca repete – *Ele morreu, ele morreu*. A gente começa a se dispersar, Dario levou duas horas para morrer, ninguém acreditava estivesse no fim. Agora, aos que alcançam vê-lo, todo o ar de um defunto.

12 Um senhor piedoso dobra o paletó de Dario para lhe apoiar a cabeça. Cruza as suas mãos no peito. Não consegue fechar olhos nem boca, onde a espuma sumiu. Apenas um homem morto e a multidão se espalha, as mesas do café ficam vazias. Na janela alguns moradores com almofadas para descansar os cotovelos.

13 Um menino de cor e descalço vem com uma vela, que acende ao lado do cadáver. Parece morto há muitos anos, quase o retrato de um morto desbotado pela chuva.

14 Fecham-se uma a uma as janelas. Três horas depois, lá está Dario à espera do rabeção. A cabeça agora na pedra, sem o paletó. E o dedo sem a aliança. O toco de vela apaga-se às primeiras gotas da chuva, que volta a cair.

TREVISAN, Dalton. *In: Vozes do retrato: contos*. 8 ed. São Paulo: Ática, 2005. p. 25-26.



1. Escreva uma pequena interpretação do conto acima.

2. Explique o título do texto.

3. Explique a crítica explícita no 5º parágrafo.

4. Mencione os itens que o texto menciona que foram sumindo ao longo da narrativa.

5. Releia:

“Um menino de cor e descalço vem com uma vela, que acende ao lado do cadáver. Parece morto há muitos anos, quase o retrato de um morto desbotado pela chuva.”

Faça uma reflexão sobre esse parágrafo.

6. Apresente os personagens da obra e o que fizeram para tentar ajudar Dario.

7. Descreva Dario.

8. Crie outro final para o texto acima.

9. Veja a imagem a seguir:



Observe com atenção esta imagem e, caso seja convidado a falar, descreva o que vê e apresente sua interpretação dela.

Conto para as questões 10 a 16:

Conto: O Grande Assalto

Avenida Santo Amaro. Às 13 h.

Um homem malvestido para em frente a uma concessionária de automóveis fechada e nota as bolas promocionais amarradas à porta.

Um policial desce da viatura, olha para todos os lados e observa um suspeito parado em frente a uma concessionária.

O suspeito está malvestido e descalço.

Uma senhora sentada no banco do ônibus que para na avenida para pegar passageiros comenta com a moça sentada ao seu lado que tem um mendigo todo sujo parado em frente a uma loja de automóveis.

Um senhor passa por um homem todo sujo, segura a carteira e começa a andar apressado. Logo que nota a viatura estacionada mais à frente, se sente seguro, amenizando os passos.

Um jovem tenta desviar de trás do ônibus parado, os policiais que ele vê logo à frente lhe trazem desconforto, pois seu carro está repleto de drogas que serão comercializadas na faculdade onde estuda.

O homem malvestido resolve agir, dá três passos à frente, levanta as mãos e agarra duas bolas promocionais; faz a conta rapidamente e se sente realizado, quando pensa que, ao vender as bolas, comprará algo para beber. Uma moça alertada pela senhora ao seu lado no ônibus chama a atenção de vários passageiros para o homem que, segundo ela, é um mendigo, e diz alto que ele acabou de roubar algo na concessionária.

Um jovem com o carro cheio de drogas para vender na sua faculdade nota o homem correndo com duas bolas e dá ré no carro ao ver os policiais vindo em sua direção.

Um policial alcança o homem malvestido e bate com o cabo do revólver em sua cabeça várias vezes; o homem, tido como mendigo pelos passageiros de um ônibus em frente, cai e as bolas rolam pelo asfalto.

Um motorista que dirige na mesma linha há oito anos tenta ficar com o ônibus parado para ver os policiais darem chutes e socos em um homem malvestido que está caído na calçada, mas o trânsito está livre e ele avança passando por cima e estourando duas bolas promocionais.

FERRÉZ, Ninguém é inocente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

10. Descreva o homem que está em frente à concessionária.

11. O que esse fato desperta nas pessoas que o veem?

12. O conto narra um grande assalto? Justifique.

13. Que relações podemos estabelecer entre o título do livro do qual foi retirado esse conto com as diferentes personagens que aparecem nessa história?

14. Crie um parágrafo com um novo final para o conto.

15. Explique a crítica do conto.

16. Quais são os indícios de injustiça e preconceito narrados no conto?

Leia o texto para responder às questões seguintes.

Uma história do detetive Sherlock Holmes

Vamos conhecer um detetive muito famoso, Sherlock Holmes, personagem criada pelo escritor inglês Sir Arthur Conan Doyle no século XIX. Nesta aventura, ele resolve um caso desafiador.

A faixa malhada

Era abril de 1883. Em uma manhã fria, Sherlock Holmes recebeu a visita de Helen Stoner. Ela vivia na região de Stoke Moran com seu padrasto, um médico, doutor Roylott.

A jovem estava trêmula e Holmes ofereceu-lhe uma xícara de café para que se aquecesse.

- Não é frio, disse ela. É medo.

Holmes pediu a ela que contasse o que a assustava e perguntou como ele poderia ajudá-la.

- Minha mãe, senhora Stoner, casou-se com meu padrasto quando minha irmã gêmea, Júlia, e eu tínhamos apenas dois anos. Vivíamos na Índia, e minha mãe era viúva do major- -general Stoner, militar do exército inglês que servia em Bengala. Ela tinha bastante dinheiro, umas mil libras anuais, que doou ao doutor Roylott durante todo o tempo que moramos com ele. Mamãe determinou que metade desse dinheiro fosse entregue a nós (Júlia e eu) no caso de nos casarmos. Logo após nosso regresso à Inglaterra, minha mãe morreu num desastre ferroviário perto de Crewe. Isso foi há oito anos. Desde então, o doutor Roylott abandonou a clientela e passou a viver da renda que mamãe deixou para ele.

- E sua irmã? - perguntou-lhe Holmes.

- Minha irmã morreu há dois anos. E também é sobre isso que quero falar-lhe. Há dois anos, Júlia conheceu um major da Marinha, de quem ficou noiva. Meu padrasto não se opôs. Mas duas semanas antes do casamento ela morreu misteriosamente.



- Conte-me os detalhes da morte de sua irmã.

- Dormíamos em aposentos separados e ela veio ao meu quarto para combinarmos os preparativos para o Natal. Antes de voltar ao quarto, ela me perguntou se eu andava ouvindo um assovio, todas as madrugadas, por volta de três horas da manhã. Disse-lhe que não. Ela voltou ao quarto dela, trancou-se - como fazíamos todas as noites - porque tínhamos um macaco e um leopardo que viviam na propriedade, animais que o doutor Roylott trouxera da Índia. Naquela madrugada, ouvi um grito horrível e reconheci a voz de Júlia. Enquanto corria até o quarto, ouvi o assovio e um barulho de metal. Ela abriu a porta e saiu cambaleando. Tentei ampará-la, mas ela se retorcia com dores. Suas últimas palavras foram: "Oh, meu Deus! Helen, foi a faixa malhada! A faixa malhada!".

Ela morreu logo depois disso. Na sequência, meu padrasto saiu do quarto dele e veio até nós. Mas não havia nada mais a ser feito por Júlia. A polícia investigou, mas não encontrou indícios de crime. As janelas estavam fechadas por dentro e eu vi que minha irmã destrancou a porta pouco antes de sair e morrer. Também não encontraram indícios de envenenamento. Ela tinha apenas um fósforo queimado nas mãos.

- Prova de que havia providenciado uma luz para ver ao redor quando o assovio começou - afirmou Holmes.

- Eu o procurei porque, passados dois anos, encontrei um noivo e estou de casamento marcado. Novamente meu padrasto não se opôs. No entanto, começou a fazer obras em meu quarto e tive que me mudar para o quarto que era de Júlia. E comecei a ouvir o assovio no meio da madrugada. Estou com muito medo de que me aconteça o que aconteceu com minha irmã.

Holmes propôs ir até a casa de Helen e conhecer os quartos em um dia em que o padrasto não estivesse presente. Ao saber que o padrasto estaria em Londres naquele mesmo dia, Holmes dirigiu-se à residência Stoke Moran.

Ao examinar o quarto de Júlia, verificou que era impossível abrir as janelas pelo lado de fora, o que afastava a possibilidade de alguém ter entrado no quarto por lá.



A cama de Júlia era pregada ao chão e sobre ela havia uma corda amarrada a uma campainha, supostamente para chamar a empregada. Sobre a campainha havia um estreito canal de ventilação entre o quarto de Júlia e o do senhor Roylott. Helen explicou que a corda e o canal de ventilação foram colocados em uma reforma feita pouco antes da morte de Júlia.

No quarto do senhor Roylott, Holmes encontrou livros e um cofre. Ele ficou intrigado com um pires com leite que estava sobre o cofre, porque, segundo Helen, não havia animais de pequeno porte na casa.

Ao observar esses detalhes, Holmes pediu a Helen que não dormisse no quarto de Júlia naquela noite. Ele próprio passaria a noite naquele quarto, mas escondido. Naquela madrugada, Holmes ficou no escuro, com sua bengala na mão. No meio da madrugada, viu, através do cano de ventilação, uma luz se acender no quarto do senhor Roylott. Na sequência, ouviu um barulho de metal e um assovio.

Ao ouvir um ruído parecido com o de vapor saindo de uma chaleira, Holmes acendeu um fósforo e bateu com a bengala na corda da campainha. Em seguida, correu para o quarto do senhor Roylott. Lá, encontrou o cofre aberto e o senhor Roylott agonizando, picado por uma cobra amarela com pintas castanhas, que parecia uma faixa malhada.

Holmes pediu a Helen que chamasse a polícia e contou como juntou elementos da história contada pela jovem com pistas encontradas na casa. Assim, o detetive descobriu o plano do doutor Roylott e evitou a morte de Helen.

Se Júlia ou Helen se casassem, Roylott perderia parte do dinheiro deixado pela mãe delas. Para evitar a perda, providenciou uma reforma para abrir uma pequena ligação entre os quartos e pendurou uma corda sobre a cama de Júlia (disfarçada de cordão de campainha). A cobra, que vivia no quarto do doutor Roylott, nunca fora mostrada a ninguém. O réptil fora trazido da Índia pelo doutor, assim como o macaco e o leopardo. Holmes deduziu que havia outro animal na casa quando viu o pires com leite no cômodo. Quando Holmes bateu a bengala na cobra, ela se assustou, retornou ao quarto do doutor Roylott e acabou por atingi-lo.

A cobra fora adestrada para responder ao assovio, descer pela corda sobre a cama de Júlia e depois voltar pela mesma corda ao quarto do doutor Roylott. Em uma das descidas, ela picou a

moça. Os legistas não encontraram o pequeno ferimento da picada. Quando Helen comunicou que se casaria, Roylett pensou em usar a mesma técnica. Mas as investigações de Holmes frustraram seu plano mortal.



DOYLE, Arthur Conan. The speckled band. *Strand Magazine*. Londres, fev. 1892. Versão traduzida e adaptada pelas autoras.

17. O texto acima é uma narrativa policial? Justifique sua resposta.

18. Apresente um resumo do texto com as principais características dele.

Sherlock Holmes tinha uma grande capacidade de observação, e essa característica era decisiva para solucionar os casos que investigava. Agora, vamos testar sua capacidade de observação.

Observe atentamente a ilustração abaixo e depois responda às questões que seguem.



19. Em que estação do ano o acampamento parece ter acontecido? Como você chegou a essa conclusão?

20. Os dias estão quentes ou frios? Explique.
